Um longo caminho até São Bento...

por Rita Martins

Deputado! Sr. Deputado! Gostaria de interpelar...

Uma palavra, um vocábulo, um termo tão comum neste projeto que já atingiu a maioridade, aliás, que já se aproxima de ter um quarto de século de vida.

Mas o que é um deputado do Parlamento dos Jovens? E o que antecede, decorre e procede à determinação de um determinado jovem neste projeto que desafia milhares de jovens a provar a democracia participativa e representativa?

Primeiro, antes de mais, uma breve explicação sobre a identidade deste projeto.

O Parlamento dos Jovens é um projeto que promove a participação política democrática dos jovens desde o 5.º até ao 12.º Ano de Escolaridade, dinamizado pela Assembleia da República (AR) e uma panóplia de entidades públicas, o Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), a Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares (DGEstE), as Assembleias Legislativas das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, as Direções Regionais da Educação e da Juventude das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira e a Direção-Geral dos Assuntos Consulares e das Comunidades Portuguesas. Está separado em duas edições, a do Ensino Básico e a do Ensino Secundário e desenvolve-se em três fases, a nível escolar, distrital/regional e nacional.

Mencionada a dinâmica geral do projeto e todas as entidades envolvidas, vamos viajar até aos meados de Outubro de 2016, até a Escola Secundária de Palmela.

No intervalo entre duas aulas sou interpelada por Artur Ramos, aluno do 10.º Ano da respetiva escola, e sou convidada (ou antes, «reconvidada», tendo em conta que este convite remota à edição do ano anterior do Parlamento dos Jovens do Ensino Básico) a fazer parte duma lista para o Parlamento dos Jovens. Esta lista, até ao momento mencionado, era apenas composta por Artur Ramos e por Jorge Matias, da mesma turma. Após aceite o convite, a lista, ao longo do mês seguinte, vai alargando a sua composição, até ingressarem os dois últimos membros, Cristiana Marto e Mariana Álvares, do 12.º Ano.

A heterogeneidade deste grupo também passa pelo grau de interesse e de participação. Muitos acabam por perder o interesse devido à suprarreferida complexidade do projeto, ou ao pensarem de poderão ter de falar em público, para um conjunto considerável de pessoas, pensamento que faz surgir o conhecido «pânico de palco». A nível da participação, nota-se também, aqueles que têm muito para dizer e aqueles que se limitam a ouvir.

A reunião apenas tinha como intuito esclarecer os pontos gerais dos projeto e analisar sumariamente o tema, contudo, acaba-se por decidir agendar um debate com personalidades, oriundas dos diferentes partidos, que componham órgãos autárquicos locais, do Concelho de Palmela, onde está situada a escola. Dividem-se as três principais tarefas: a procura dos contactos, a redação dos e-mails e a preparação do debate. Surpreendentemente, a que se demonstra mais complicada é a primeira. Facto que se tornará, mais tarde, material para uma medida.

Chego ao dito dia, obtidos quatro oradores, de quatro dos cinco partidos representados nos órgãos locais, estando, ironicamente, ausente o partido que detém a maioria em todos os órgãos autárquicos, apesar de devidamente contactado, e uma moderadora, a Docente Odília Freitas. O debate acende-se, com sucessivas rondas de perguntas por parte do público, composto por várias dezenas de alunos, muitos mais dos que efetivamente participaram no projeto, aos autarcas. A taxa e qualidade da participação surpreende os membros da lista, os alunos expõe, através do seu desagrado com determinadas situações a nível do concelho, as fragilidades e problemáticas do poder local. Salientando-se uma história praticamente comovente, em que um aluno se queixa de a Câmara Municipal lhe ter retirado o jardim em que brincava quando era criança para o substituir por um melancólico pavimento de calçada, «Não pode dizer nada», afirma, referindo-se à sua tenra idade e à falta de comunicação entre os cidadãos e o poder local.

A campanha começa, sem despertar muita atenção por parte dos restantes alunos, o que acaba por culminar na taxa de abstenção, «As pessoas não sabem muito bem no que é que estão a votar e, mesmo que saibam, não têm muito interesse» comenta Jorge, «basta ouvirem a palavra política que já não querem ouvir mais nenhuma», continua, «É um problema nacional, transversal a quase todas as gerações.». Mas a verdade é que este problema, no Concelho de Palmela, assume proporções gigantescas,

com uma taxa de abstenção de 63% nas últimas autárquicas. «Tentámos, mas falhámos em cativar e envolver o resto da comunidade escolar» reflete Artur Ramos.

A lista já referida, a lista A, vence com uma esmagadora maioria (no entanto, é necessário ter em conta que a participação também foi extremamente baixa). Assim a Lista A domina a Sessão Escolar, com todos os seus membros presentes, e acaba por tornar o seu projeto no projeto da escola e levar apenas membros da sua lista à Sessão Distrital e à Sessão de Eleição da Mesa. A sessão escolar acaba com uma reflexão coletiva de como, na edição do ano seguinte, se tentaria chegar a mais gente e gerar mais competitividade democrática durante o projeto a nível escolar.

Após a Sessão Escolar, seguem-se reuniões em que se prepara a presença na Sessão Distrital. Chegado o dia, a comitiva da Escola Secundária de Palmela, composta pelos três deputados efetivos suprarreferidos, pela Cristiana Marto como deputada suplente, pela Prof.ª Luzia Prates como professora responsável pelo Projeto e pela minha pessoa, como jornalista, desce do autocarro no Montijo, a escassos metros do Edifício da Assembleia Municipal do Montijo, onde decorrerá a Sessão. Analisam as restantes comitivas, trocando olhares tímidos e avaliando através da linguagem corporal qual é o perfil dos outros participantes. Todos sabem que têm um longo e estafante dia pela frente, que são meses de trabalho que se esgotam num único dia.

Entra no respetivo edifício, sobem as escadas, passam pela credenciação, sentam-se nas cadeiras que rodeiam a mesa que lhes está preparada e montam o acampamento, que, neste caso, devido a política ecológica adotada resume-se a um portátil, a duas cópias duma folha de papel que contem uma tabela onde estão resumidas as medidas das restantes escolas e respetivas análises e uma folha com os tópicos gerais da apresentação das medidas e os exemplares dos regimentos oferecidos durante a credenciação. Mariana analisa cuidadosamente a tabela e tenta ligar as caras às medidas. Artur, moldado pela experiência no projeto, não perde tempo a «quebrar o gelo» com os deputados das restantes escolas. Na verdade, este trabalho, essencial, começou logo no autocarro.

A Presidente de Mesa interrompem estes diálogos para poder dar início à Sessão. Decorre a cerimónia de abertura, com a Deputada Joana Mortágua e a Dr.ª Eduarda Marque, Diretora Regional do IPDJ, como principais oradoras.

Sucedem-se normalmente as apresentações dos projetos, acabando, como é usual, muitos deputados por apenas ler as medidas dos projetos, contrariamente ao recomendado no regimento. Seguem-se então as interpelações às escolas. Mariana Álvares salientam a incoerência do projeto duma escola e as consequências danosas que as suas medidas acabariam por ter. Seguidamente, apenas se atirou, recorrendo ao provérbio popular, «mais lenha para a lareira», tendo em conta que a respetiva escola foi interpelada por um número considerado de escolas.

E finalmente as votações. Um empate entre o Projeto da Escola Secundária de Palmela e o da Escola Secundária Prof. Ruy Luís Gomes. Uma votação de desempate. Vence a Prof.º Ruy Luís Gomes.

Seguem-se o almoço em que, agora toda a comitiva, esforça-se por ganhar a afinidade dos restantes. Depois um exaustivo debate na especialidade, em que se despendem 80% do tempo a contabilizar votos e 20% a debater. A seleção dos deputados a Sessão Nacional e do Porta-Voz, passando a Escola Secundária Jorge Peixinho, Secundária Prof. Ruy Luís Gomes e a Secundária de Palmela.

Entra a Sessão Distrital e a Nacional, os deputados eleitos por Setúbal reuniramse para debater a estratégia do trabalho em Comissão.

Chegado o primeiro dia da Sessão Nacional, Artur Ramos e Jorge Matias entram juntos em São Bento, cada com uma sensação diferente. O primeiro com uma certa nostalgia, recordando a Sessão do ano anterior, mas não tanta, pois no mês anterior visitou com outros jovens da sua juventude partidária aquele palácio. Jorge, por outro lado, entra pela primeira vez no palácio da democracia, sentindo apelo do que é novo e desconhecido, e a excitação e nervosismo que acompanha todos aqueles que pela primeira vez participam numa Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens.

Chegam à sala que lhe está destinada, contudo, deparam-se com atraso considerável duma boa parte dos participantes. A verdade é que a viagem para muitos foi turbulenta e teve alguns problemas que a retardaram, o que para eles é algo irreal, tendo em conta que se limitaram a atravessar a primeira ponte a ligar as duas margens do Tejo.

Apesar da ausência de parte dos presentes as Comissões são obrigadas a dar início aos trabalhos, para garantir que se cumprem minimamente os horários previstos. O debate segue uma metodologia similar ao da sessão distrital, acabando por vencer, ironicamente, o projeto com menos representantes, pois quatro apenas chegaram

escassos minutos antes de as votações começarem. Segue-se o momento cultural, com teatro de improviso, que superou as expectativas gerais dos deputados.

No dia seguinte, o Plenário. Um debate confuso, aceso e desgastante, que sofre daquele sintoma de pré-nostalgia, em que os meses de trabalho e o cansaço do dia anterior se abate sobre os deputados, que vem a sua participação na magnífica expressão dos ideais da democracia aproximar-se do fim. O fim duma longa caminhada.